



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Ana Maria M. S. Battaglin

Maio de 2020.

Sou uma mulher de 71 anos, com Parkinson, vivendo em São Paulo, Brasil, neste estranho ano de 2020. Sou também filha, mãe, tia, avó, participante de uma vida familiar mais ampla. Continuo atuando com psicologia analítica - trabalho que me alimenta física e psiquicamente e implica num esforço de autoconhecimento e na busca de compreensão dos muitos e diferentes aspectos que compõem o humano. Estou aposentada, após anos de trabalho como professora da PUC-SP, universidade que me deu muito, como estudante e professora.

Todos esses fatos são também decorrência de vivências que me acompanham desde a mais longínqua infância:

. Um sentimento que sempre existiu, mas só foi compreendido muito mais tarde, de irmandade e unidade com tudo que me cerca e tudo que existe. E esse tudo - pessoas, animais, árvores, plantas, terra, água, pedras, lua, estrelas, céu diurno, céu noturno, ruídos, seres fantásticos, seres amedrontadores, pensamentos, sentimentos... também são parte de um todo maior.

. A coleção Tesouro da Juventude, que eu folheava demoradamente, mesmo antes de aprender a ler. Ela balizou o enorme e constante amor por leitura, por visão multifacetada da realidade e pelo prazer da solidão compartilhada com um livro.

. O futebol, esporte belíssimo nas décadas de 50, 60 e 70, que me abriu para a beleza do movimento, para a alegria e a dureza de ser brasileira e me ligou para sempre ao prazer de ver ou de participar de qualquer jogo com bola, até mesmo *curling*.



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

. O cuidado com todos os animais e plantas do grande quintal de minha avó e a impossibilidade de comer bichos dos quais cuidava.

. As brincadeiras com os primos e garotos da rua, que ocupavam todo o tempo em que não estávamos na escola.

. À noite, histórias dos mais velhos, que nos enchiam de expectativa, prazer, terror e medo e compuseram uma realidade imaginária que colore especialmente minha vida.

Pulo vários anos e eis-me, depois de muita história e acontecimentos, em 1993, numa palestra que me apresentou 2020. Era de Trigueirinho (espiritualista respeitado na época e hoje) e, de toda a apresentação, me ficou uma fala: *“Ocorrerão muitas mortes estranhas em 2019 e 2020 será marcado por um novo e superior estágio da humanidade”*.

Isso efetivamente ocorrerá? Estarei viva para ver? São indagações que me acompanharam desde então.

A indagação sobre um possível desenvolvimento da humanidade fora fortalecida, na década de 70, por um professor do curso de Psicologia, que eu respeitava muito, Pethö Sándor (*“Vocês verão, em três décadas nascerão crianças diferentes, mais ágeis mentalmente, menos raivosas.”*).

A curiosidade sobre a validade ou não dessa previsão ficou mais acentuada quando assisti ao documentário Data Limite segundo Chico Xavier, de 2014, (pode ser encontrado no *YouTube*), que se baseia numa predição feita pelo médium espírita Chico Xavier em 1986: *“Desde que o homem pisou na Lua a humanidade é observada por seres mais desenvolvidos. Eles nos seguirão por cinquenta anos. Se não houver guerra com bomba atômica até 2019, este será um ano de muitas mortes. E a partir de 2020, muitos desses seres de luz*



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

virão para a Terra: haverá grandes mudanças, inclusive na humanidade, que evoluirá.”

Estamos em 2020 e ocorre o Covid-19 (novamente o 19, mera coincidência?): fará essa pandemia parte da possibilidade de um mundo novo?

Mas essa questão tão inspiradora e antiga saiu de foco. Com o início das mortes por coronavírus deixei de pensar nisso e tive muito medo: por Bitu, minha mãe, 91 anos, Lucas, meu irmão, 67 anos, Vânia, Pi e Pitito, primos queridos, todos com mais de 70 e, quase todos, com comorbidade. E pelos mais novos também, algo poderia acontecer com eles! E o que acontecerá com nossas vidas e hábitos, o que ocorrerá ano mundo após a pandemia? Situações de quase pânico e uma de pânico: meditação, sonhos, reflexões, orações, leituras, trabalho e conversas com pessoas muito queridas foram restabelecendo a respiração e o controle das emoções.

Dias antes da data oficial da quarentena, familiares e eu começamos a nossa. Sabíamos e sabemos que essa é a contribuição que podemos dar para que a situação fique mais controlada e tenhamos a possibilidade de que todas as pessoas que forem contaminadas e necessitarem possam ter os cuidados de UTI (a questão de achatar a curva); o sofrimento que vimos em outros países, principalmente na Itália, onde faltaram recursos de atendimento, foi grande, horrível e esforços valem para tentarmos não entrar nessa situação.

Outra coisa foi estendermos a mesma realidade para as pessoas que trabalham em nossas casas: quarentena com manutenção do salário. Aqui dou graças à tecnologia, que me permitiu arcar com essa proposta: por causa da *internet* pude trabalhar à distância e continuar recebendo e pagando.



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

A tecnologia foi fundamental também para o contato familiar. *WhatsApp*, *skype* e *zoom* possibilitaram a manutenção do contato e da intimidade, com familiares, amigos e empregados. E todos temos ficado resguardados e cuidando de nós e dos próximos. Mamãe com Marli, excelente cuidadora, os demais em suas famílias nucleares e eu no apartamento. Mas os familiares mais próxima mantêm estreito contato, ainda que não haja proximidade física: mamãe e eu temos dois ou mais contatos diários via *WhatsApp* e, em muitos finais da tarde, com vários de nós, encontros onde conversamos, cantamos, dançamos, trocamos lembranças de histórias e fotos. Isso acontece também com filhos e netos. E, estranhamente, a saudade, a ausência de proximidade, de contato físico e o isolamento estão nos dando maior intimidade e, em muitos anos, a melhor fase de minha mãe. A impossibilidade de nos vermos, para assim melhor cuidarmos de nós e dos demais, não só de nossa família, e a aceitação do sofrimento decorrente fizeram com que voltasse para mamãe a gana da luta pela vida e, para todos nós, seu sentido: realidade que só se concretiza quando o outro também é considerado. E, por estar fazendo sacrifício para o cuidado com ela, mas principalmente conosco, mamãe então voltou a ter um objetivo importante e retomou sua característica maior, ser guerreira. Surpresa grata e inesperada!

Mas, mesmo nesse quadro, questões permanecem: Até quando suportaremos bem essa situação? Conseguiremos nosso propósito de diminuir possíveis mortes e sofrimentos também a quem não tem o acesso que deveria à saúde? Esse propósito estava sendo apresentado para nós, começando a criar raízes e nos orientando, mas, infelizmente, foi abortado. Tenho que contar da realidade mais ampla: nosso país não passa apenas pela pandemia, está dilacerado por lutas intestinas e atravessa profunda crise política, social, econômica e moral. Situação esdrúxula que só aponto, pois muito complexa, mas que será necessário conhecer se alguém quiser



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

entender pelo que todos nós estamos passando nesta pandemia. Mas volto ao nosso tema: quando e como sairemos dessa pandemia? Será que voltaremos iguais, a ver com a mesma tranquilidade - ou a não ver - as enormes e absurdas diferenças quanto a questões de saúde, condições de saneamento básico e moradia, educação e inclusão social?

Tudo isso me obriga a reconhecer/lembrar que o caos é parte da realidade, que a morte é irmã siamesa da vida, que tenho responsabilidades mas praticamente pouquíssimo controle; que, graças, o futuro é uma incógnita “noves fora” a morte e que, não nesta pandemia, já sofri a dolorosa perda de pessoas muito queridas; começo a me sentir e pensar com um pouco mais de tranquilidade na situação atual e na proximidade da morte. O que foi concretizado como nunca antes é que o que vale mesmo é o dia de hoje, que só nele efetivamente existimos; é que acordar cada manhã e saber que é o que acontece também com quem amamos são dádivas maravilhosas. Agradeço profundamente esse fato e poder vivê-lo. Mas sei que ocorre paralelamente ao sofrimento de muitos.

Fatores que descrevem o que sempre foi a vida hoje, em função da crise, estão mais presentes. Tenho tentado me apropriar mais profundamente desse fato, da existência concomitante do bem e do mal, do belo e do feio, do luminoso e do tenebroso para não perdê-lo se, ou quando, sair desta crise. E espero que, quando chegar a hora da mudança de bairro, que é como se refere à morte um amigo chinês, consiga perceber o visualizado pelo grande poeta Rumi (poeta místico, jurista e teólogo sufi persa do século XIII): *“Da morte só vemos o braço estendido, não a taça cheia de vinho que ela oferece.”*

Assim, mais calma, mas também angustiada, volto à pandemia e sou assaltada por questões: por que ela assumiu essa repercussão



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

enorme? Por que tantos países são atingidos, tanta exposição nas mídias e cobertura tão maciça? Por causa da amplitude dos meios digitais? Esta doença, que contrariou a história das epidemias anteriores, começou nas classes altas e médias. Teria tido a mesma repercussão se restrita às classes baixas? Estamos vivendo em nosso país uma realidade que ocorre igualmente em países mais ricos. Pela primeira vez vejo, no mundo todo, um número significativo de pessoas de classe média (a que pertenço) e de classe alta sem as condições de terem bom atendimento em saúde; passarem por uma realidade de morrer sem ter acesso a bens que existem, mas que estão insuficientes para todos. Pela primeira vez vivemos de verdade uma realidade pela qual passa, diariamente e desde sempre grande parte da população brasileira e mundial. Pela primeira vez vivemos, por algum tempo, como cotidianamente vive a absoluta maioria da humanidade. Será que essa experiência pesará e compreenderemos o absurdo de vivermos e aceitarmos tranquilamente tantas e tão indignas e vergonhosas diferenças? Será que perceberemos que bens materiais e culturais devem ser patrimônio de todos e não basicamente nosso? Tentarei mudar em mim essa necessidade de tanta coisa de que realmente não necessito? Conseguirei aceitar ter um pouco menos, consumir menos o que gosto e aprecio? Em nível individual, social e psicológico, essa quarentena que vivemos será como a baleia para Jonas? Uma vivência de reclusão e silêncio do ego que nos permitirá ouvir a voz maior que nos orienta e nos revela o sentido de nossa vida?

Esta me parece ser a questão chave: como o indivíduo é a única realidade humana que efetivamente tem vida, ou o indivíduo muda ou nada mudará. Hinduísmo, taoísmo, judaísmo, budismo, cristianismo, islamismo, todas as grandes religiões nos fazem essa



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

proposta. C.G.Jung a realizou e convida cada um de nós a fazê-la. E, em sua obra, nos revela as dificuldades, a importância e a necessidade dessa tarefa se quisermos vida, humanidade e sociedade não cindidas e mais plenas.

E, assim, chego neste dia em que o Brasil ainda não conseguiu equacionar o problema do coronavírus e seus demais desafios. Os Estados Unidos atualmente sofrem muito, não só com a pandemia; nestes dias enfrentaram também uma explosão de manifestações contra a violência, que eclodiram em protesto ao assassinato de George Floyd por um policial, em Minneapolis, no dia 25 de maio. A Itália, graças, começa a voltar à vida. E mais duas notícias que igualmente me fazem vislumbrar réstias de esperanças no futuro: a Crew Dragon (primeiro voo tripulado da nave espacial Dragon 2, da NASA) se acoplou hoje com sucesso à estação interplanetária, feito do qual ainda não podemos aquilatar as consequências; uma entrevista secreta de Nikola Tesla, de 1899, um dos grandes gênios da humanidade, que acabei de receber (pode ser encontrada no *YouTube*).

Coisas demais para equacionar e para pensar. O que sei com certeza é que tudo isso me remete, com muito mais perguntas do que antes, à questão que espero há cerca de vinte e sete anos: o que acontecerá em 2020?

Após entregar este texto, tive um sonho/vislumbre, onde uma voz sussurrou: “Falta o *“Post Scriptum”*”.

Achei melhor obedecer.

PS: Agradeço ao pessoal do Pantufas ter escrito este texto. Quando foi proposto por Celia, talvez no início de abril, e com roteiro, quase fugi. Senti-me presa! Levei mais de mês para começar a pensar e, posteriormente, a escrever. Aí veio uma das descobertas: a prisão



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

estava em mim, não na proposta. Espantada, voltei a outros acontecimentos e, então, me veio com clareza o que é preconceito em mim. Uma prisão ao passado que me impede de aceitar e descortinar o presente em sua amplitude. Desvendar que outros preconceitos tenho, sem me dar conta, e que limitam o presente, é tarefa que se impõe. Escrever me fez bem e me trouxe muito mais do que apresentei. O fato da maioria de nós ser composta por pessoas com mais de 60, 70 ou mesmo 80 anos, nos torna mais próximos do adeus. Mas todo esse processo da pandemia/ quarentena/ estudar/conversar, me fez reconsiderar o fato de estarmos vivos, da possibilidade de mantermos esperanças, sonhos e ações e também de imaginar um mundo melhor para todos. Para usar uma decorrência do positivo casamento “ocidente/oriente”, cito parte da Constituição Tibetana, pois sei que temos o mesmo lema: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Justiça”. Pelo o que vi até hoje, lema só possível em regime democrático, onde essa realidade tem maior possibilidade de se concretizar. Nesse sentido, com nossa idade e nossas características, temos como contribuir para um novo mundo. Para mim, uma perspectiva iluminadora e alentadora.

Compartilho com vocês a leitura de três entrevistas e um pequeno livro; todos os autores são pessoas de 80 anos ou mais, e me ajudaram nessa compreensão, enquanto escrevia este texto:

- “Pandemia tirou o mundo da rota suicida do sistema econômico tradicional, diz Nobel da Paz”, entrevista dada em 31/05/2020 para Folha de São Paulo por Muhammad Yunus; (disponível na *internet* em algumas plataformas, inclusive no *site* www1.folha.uol.com.br);

- “Não vamos voltar ao mundo que tínhamos antes”, artigo de Muhammad Yunus publicado no jornal diário italiano La



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Republica em 18/04/2020 e traduzido pelo Instituto Humanitas Unisinos (disponível na *internet* no site www.ihu.unisinos.br);

- “Um Festival de Incerteza”, artigo de Edgar Morin, publicado pela editora francesa Gallimard em 21/04/2020 e traduzido pelo Instituto Humanitas Unisinos (disponível na *internet* no site www.ihu.unisinos.br);

- Dalai Lama e Sofia Stril-Rever. Façam a revolução! O apelo do Dalai Lama aos jovens do século XXI. Alaúde Editorial, 2018.

E para concluir uso, com prazer, as últimas sugestões do roteiro: texto iniciado em abril, pós início da quarentena, e terminado no dia de Santo Antônio. A quarentena exterior foi relaxada, mas infelizmente, não só no Brasil, as mortes decorrentes do Covid-19 continuam altas e o relaxamento pode trazer uma segunda onda de mortes. Assim, começarei a encontrar separadamente as pessoas queridas da família que também respeitaram a quarentena nesta minha tão amada cidade de São Paulo.